
O fenômeno psicossomático no rastro da letra¹

The psychosomatic phenomenon in the wake of the letter

Roseane Freitas Nicolau*

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

Andréa Máris Campos Guerra**

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

RESUMO

Este artigo reflete uma preocupação clínica relativa à operação analítica junto aos fenômenos psicossomáticos. Fazendo-se um estudo das concepções lacanianas sobre o fenômeno psicossomático, nos detivemos nas proposições sobre a escrita, tomando-a na dimensão da escrita no corpo, a qual é uma dimensão distinta do registro do significante, para discutir a possibilidade de uma leitura nas entrelinhas da letra, na direção do tratamento. A relação entre letra e significante é destacada para pensar a passagem do gozo ao inconsciente, ou seja, do real ao simbólico, no manejo possível do gozo, segundo a lógica da quantificação, esperando que uma escrita do gozo possa operar. A ideia de que a escrita do corpo pressupõe efeito de sujeito, isto possibilita pensar o corpo marcado por cicatrizes, cuja operação é a leitura.

Palavras-chave: Fenômeno psicossomático, Significante, Gozo, Letra.

ABSTRACT

This article reflects a clinical concern about the psychoanalytical operation with psychosomatic phenomena. Making a study of Lacanian conceptions of the psychosomatic phenomena, we reflected on the propositions of “writing” as a concept, taking it as “writing on the body”, distinct from the significant, to discuss the possibility of take the “letter” as a guide in the psychoanalytical treatment of this phenomenon. The relationship between letter and significant is used to think the passage of enjoyment to the unconscious, or from the real to symbolic dimension, according to the quantification’s logic and hoping that a “writing” of the enjoyment could operate. The idea that the writing of the body produces an subject as effect, enables think the body affected by scars, whose operation is to read.

Keywords: Psychosomatic phenomenon, Significant, Enjoyment, Letter.

1 Introdução

Nesse artigo buscou-se discutir a relação entre letra e significante, objetivando-se pensar a direção da cura nos chamados fenômenos psicossomáticos, em que a escrita no corpo se distingue da dimensão

significante, e aponta para a escrita do real. Isto implica dizer que, diferentemente do sintoma, o fenômeno psicossomático é concernente ao real, tendo, portanto, uma inscrição ilegível, pois está fora da dimensão simbólica, escapando à lei do inconsciente. Sublinhamos aqui uma demarcação importante, com consequências clínicas preciosas.

Lacan (1954-1955/1985a, 1955-1956/1992, 1964/1988a, 1975/1988b) sempre insistiu na diferença entre o sintoma e o fenômeno psicossomático. Diferença que nos faz pensar o adoecimento corporal em duas vertentes: a conversão histórica - da ordem do sintoma, portanto, este é inscrito no registro simbólico -; e o fenômeno psicossomático - da ordem do real, o qual está fora das construções simbólicas.

Assim, na perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana, os fenômenos psicossomáticos apresentam-se como fenômenos clínicos que remetem ao real, na medida em que a lesão se apresenta na materialidade do corpo, diferenciando-se das conversões históricas que estão situadas no corpo erógeno e simbólico, sendo representações inconscientes recalçadas. O sintoma é designado como tal por ter adquirido função de significante, de algo que só surge na experiência analítica, sendo passível de uma interpretação e ganhando valor para o sujeito. Já o fenômeno psicossomático (FPS), aprisionado ao registro real do corpo, não cede à interpretação, tornando o tratamento permeado de particular dificuldade, na medida em que o sujeito que dele padece não inclui a doença no registro simbólico, via pela qual é possível interpretá-lo.

De fato, a escuta clínica tem demonstrado uma certa labilidade na elaboração simbólica destes sujeitos e um certo predomínio do imaginário em sua realidade psíquica. Se o FPS está fora da cadeia significante, como operar no sentido de possibilitar sua remissão ou atenuação? Como fazer para que uma leitura dele seja possível? Será possível apostar na passagem do fenômeno para algo de alcance da interpretação? Caso isso não seja possível, o que se pode ler do que se constitui como ilegível? Como tratar esse nível de fenômeno na clínica?

Para nós, analistas, é importante tentar responder ao que lemos no que ouvimos, já que tanto um sonho, um sintoma, um lapso ou uma lesão devem ser, a princípio, decifrados. É nossa função de analista ler o que deve ser lido. Mas o que deve ser lido é o inconsciente. Um escrito não deve ser lido, nos diz Lacan (1964/1988a) no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. A psicanálise nos ensina a ler, mas também nos leva a um ponto de interrupção na leitura com a passagem a uma escrita peculiar, que tangencia o simbólico e o real. A escrita implica a cifração, nos impondo estabelecer a diferença que Lacan faz entre significante e letra. É esta diferença que nos interessa discutir para pensar a direção da cura.

Diante de todas estas questões, a direção do tratamento nos impõe situar como funciona o aparelho psíquico diante do real e de que escrita se trata no FPS.

Desde a década de 1950, Lacan (1955-1956/1992, 1957/1998a, 1957/1998b) destaca o valor da escrita, em particular da letra, ao caracterizar o inconsciente a partir de sua estrutura de linguagem. É com a ideia de escrita no corpo formulada por Lacan (1975/1988b) que propomos avançar para pensar esta clínica, acompanhando também suas elaborações anteriores sobre a psicossomática. Discutimos mais detidamente a noção de escrita para a psicanálise, demonstrando que esta não é do mesmo registro que o significante. Finalmente, discutiremos o limite e a possibilidade de uma leitura nas entrelinhas das letras, pois se algo está escrito poderá, talvez, ser lido em um processo de escrita. Ou, dessa marca enigmática, poderá um sujeito fazer um novo uso, rearticulando seu campo de gozo (*savoir-y-faire*). Ao tentar escrever o que não se escreve, a escrita possível é aquela feita de restos, produzida nos avessos da significação. A clínica, então, pode ser orientada pelo tratamento desse “resíduo irreduzível” (LACAN, 1966/2003, p. 222) que queda da divisão que estrutura o sujeito; e o sintoma pode ser concebido no registro da escritura como a forma com a qual cada um goza do inconsciente, na medida em que o inconsciente o determina.

2 Algumas ideias lacanianas sobre a psicossomática

Em um percurso das ideias de Lacan sobre psicossomática, Nicolau (2008) afirma que o autor a abordou diversas vezes, de maneira pontual, sempre em resposta a algum tipo de interpelação. No *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955/1985a), Lacan estabelece a diferença entre o sintoma neurótico e o fenômeno psicossomático, dizendo ser o primeiro enquadrado pela estrutura narcísica, visto que se acha estruturado na relação ao outro, na identificação possível com o outro. Já o fenômeno psicossomático, definido como “massa investida de libido no interior do corpo” (LACAN, 1954-1955/1985a, p. 126), aparece como resultado do investimento da libido sobre o órgão próprio e não sobre o objeto. A pulsão se manifesta aí em sua forma pura, sem representação, apontando para a pulsão de morte. Se não há representação simbólica, o órgão lesionado fica fora da constituição imaginária do eu, não sendo apartado de sua natureza pela representação.

Lacan fala de um curto-circuito na montagem pulsional, onde os fenômenos psicossomáticos se produziram na vizinhança da pulsão, ainda não relacionada à divisão subjetiva na demanda. Haveria aí uma unificação das pulsões auto-eróticas, em que o corpo é tomado

na dimensão imaginária do eu corporal, não havendo referência à relação de objeto. Assim, o que entra em jogo na relação com o outro é o órgão, a imagem especular do próprio corpo. A relação se estabelece, portanto, no campo do auto-erotismo, onde não se distingue fonte de objeto, implicando num ponto de não deslizamento que é próprio da reação psicossomática. A partir dessas formulações, Lacan conclui que o fenômeno psicossomático é marcado por uma concentração imaginária no órgão, encontrando-se fora do registro simbólico e, conseqüentemente, fora das construções neuróticas, situando-o no nível do real (LACAN, 1954-1955/1985a, p. 127).

No *Seminário 3: As Psicoses*, Lacan (1955-1956/1992) volta a dizer que os FPS são estruturados diferentemente do que pode se passar nas neuroses, referindo-se a eles como fenômenos e não como sintomas e aproximando-os do delírio. Tal aproximação deve-se ao fato de que ambos comportam uma ausência de intermediação simbólica, indicando neles uma resposta do confronto com o real. Fazendo referência às manifestações psicossomáticas dermatológicas, diz:

Há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo (LACAN, 1955-1956/1992, p. 352).

Apresenta, então, a noção de alguma coisa de escrita no corpo, sobre a qual vai se referir mais tarde como "hieróglifo" psicossomático (LACAN, 1975/1988b).

Dez anos depois, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1988a) faz referência ao desejo do Outro, dizendo que o fenômeno psicossomático é fruto da indução significativa, onde o desejo do Outro não aparece ao sujeito como falta, sendo um desejo inquestionável, que aponta para uma falha no simbólico. Lacan escreve: "a psicossomática é algo que não é significativa, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significativa, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a *afânise* do sujeito" (LACAN, 1964/1988a, p. 215-216). A *afânise* implica em desaparecimento, onde o sujeito aparece sempre representado por um outro significativo, efetivamente *afanizado* em seus modos de aparição na neurose.

A ausência da *afânise* do sujeito implica que não há intervalo entre S1 e S2 (primeiro par de significantes), ficando estes significantes fundamentais holofroseados. Lacan se refere à holófrase como emassamento, gelificação, cristalização, colagem, implicando dizer que o significativo materno ou mestre (S1) não é substituído pelo significativo da metáfora paterna (S2), permanecendo ambos colados,

aderidos. Esse fenômeno sucede do fracasso do recalçamento primordial, ou seja, da marcação do Nome-do-Pai. Há, portanto, uma falha na função da Metáfora Paterna, que impede a separação dos significantes primordiais S1 e S2, falha esta que vem dar testemunho do fracasso da metáfora subjetiva, uma vez que não há barra que incida e faça separação entre eles, ficando o sujeito impossibilitado de deslizamento e representação significativa nesse ponto. E, se um significante é o que representa o sujeito para outro significante, pode ser que, nos fenômenos psicossomáticos, o sujeito seja representado por um significante, mas não para um outro significante. O deslizamento do sujeito na cadeia não se cumprindo, algo para, é gelificado, paralisado, faltando espaço para a emergência do sujeito. Esclarecemos que, para Lacan, essa condição de cadeia significativa holofroseada indica que a metáfora paterna funciona precariamente, de tal maneira que põe em questão o advento do sujeito, mostrando-se em manifestações clínicas tais como o FPS, a psicose e a debilidade mental.

Entretanto, é preciso lembrar, para não confundir, que ao apresentar a série de casos que seriam consequência da ausência de intervalo entre S1 e S2, Lacan diz: “[...] temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar” (LACAN, 1964/1988a, p. 225).

Na psicose, a ausência de metáfora paterna torna o corpo submetido ao gozo do Outro, não permitindo a emergência do sujeito. No fenômeno psicossomático, embora a localização do sujeito seja problemática, na medida em que os significantes primordiais estão holofroseados, esta falha incide apenas sobre uma parte do corpo, sobre um ponto específico do discurso do sujeito.

Desta forma, apenas um ponto da realidade obedece à lógica foraclusiva². Isto retira o sujeito do campo das psicoses, conforme observou Dunker (2002).

Nasio (1993) igualmente sugere que, na lesão de órgão, trata-se de uma “foraclusão local”, parcial. Neste caso, ao invés de condenar o sujeito à psicose, o autor pensa na estruturação de um fragmento de realidade segundo o processo de foraclusão. Ele afirma que o fenômeno psicossomático corresponde a uma formação do objeto *a* e não a uma formação do inconsciente. A doença orgânica estaria do mesmo lado das alucinações e da passagem ao ato, onde o Nome-do-Pai não se mantém, não oferecendo consistência ao sujeito.

A lógica do fracasso da metáfora paterna que implica na colagem dos significantes é a mesma utilizada por Jean Guir (1988), ao concluir que o fenômeno psicossomático diz respeito a uma falha na função da Metáfora Paterna, resultando em uma arranhadura na operação de castração e impedindo a emergência do objeto causa do desejo – objeto *a*. O autor argumenta que a falha na função paterna institui o

fenômeno psicossomático, explicando-o a partir das noções expostas acima, que levam a pensar na estrutura da psicose.

Entretanto, ele afirma que, no fenômeno psicossomático, não se trata de forclusão do Nome-do-Pai. Para ele,

O problema de fundo do fenômeno psicossomático é este: a metáfora paterna funciona em certos sítios do discurso e não em outros. Somente alguns momentos específicos do discurso provocam um desencadeamento no corpo (GUIR, 1988, p. 49).

Assim, o significante S1 não é nem foracluído nem recalçado (p. 174), mas comprometido na montagem significante.

Retomemos Lacan. Na *Conferência de Genebra sobre o Sintoma* (1975/1988b), ele trará novos elementos para a concepção da psicossomática, indicando que as lesões são traços escritos no corpo, que não são da ordem do signo, mas da assinatura, não tendo, portanto, valor de significante. Aqui, cabe lembrar, Lacan já formulou a noção de letra, enquanto o que queda no campo real, ao lado do significante, que se inscreve no campo do simbólico. Isso que faz traço sobre o corpo é pré-significante, não sendo passível de uma cifração de sentido, como o sintoma, o que remete à dimensão do enigma. São, portanto, traços escritos sobre o corpo, como uma letra que não se lê. Para Lacan, os traços são verdadeiros hieróglifos que ainda não se sabe ler, ou seja, traços escritos concebidos como “não-a-ler”, porque é um escrito indecifrável. Deste escrito indecifrável, o corpo se deixa levar a escrever qualquer coisa da ordem do número, que é refratário ao simbólico, mas que insiste com sua presença, deixando marcas. Aqui a letra é redutível, em seu nível mais simples, a traço. Mas ela é, também, texto escrito. É questão, portanto, de um ciframento, que não passa pela significação da letra, pela subjetivação do desejo, mas que está do lado do número, como uma contagem absoluta do gozo³.

Diferentes questões surgem dessa nova formulação lacaniana. Ao falar que o fenômeno psicossomático seria uma marca, que revela o nome próprio, Lacan estaria se referindo a S1? E se for assim, qual o limite onde se daria o FPS como marca, como inscrição? Seria no limite entre letra e significante, ou no limite entre o pulsional e o inconsciente? Poderíamos considerar ambos os limites neste fenômeno?

Para responder a esta questão, precisamos considerar a diferença que Lacan estabelece entre letra e significante, partindo da ideia de que letra e significante estão separados. Juan Ritvo (2000), ao trabalhar o conceito de letra na obra de Lacan, demonstra que há paradoxos na relação entre letra e significante, pois existem definições de letra que são praticamente homólogas às definições de

significante. Entretanto, há outras em que ele define especificamente letra e significante. Seriam dois aspectos distintos de um mesmo conceito? Ritvo, então, estabelece dois polos de atração: o polo patemático, que tem a ver com a marca no corpo, com o traço do significante no corpo; e outro polo que é o matemático, de matema, a letra que se transmite integralmente (RITVO, 2000, p. 9). São dois estatutos da letra totalmente distintos.

Por outro lado, devemos considerar que existe uma oposição entre letra, enquanto significante, e letra enquanto pulsional, portanto, pré-consciente, o que nos leva a pensar que há uma letra relativa ao inconsciente, que se constitui no nível do significante, e outra letra, pulsional. Quando se fala de letra, devemos então perguntar: De que letra se trata?

Na década de 50, Lacan trazia em *A instância da letra no inconsciente* (1957/1998b, p. 498) que "designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem", ressaltando sua materialidade em relação à linguagem, ao significante. Na verdade, Lacan utiliza o termo *lettre*⁴ pela primeira vez em *O Seminário sobre 'A carta roubada'* (1957/1998a), associando-o à expressão "*a letter, a litter*", uma carta/uma letra, um lixo. Desde já, a ideia de uma materialidade se apresenta ao lado da ideia do que faz circular o discurso. Trata-se, no conto de Edgard Allan Poe, comentado por Lacan, de uma carta a ser recuperada, pois, colocava em risco a rainha. Ela, entretanto, é 'disfarçada' numa carta velha, dejetivo, que os policiais investigadores pegam sem se darem conta de ser exatamente a que procuravam.

Com isso, Lacan evidencia uma dimensão outra, para além da mensageira, que reside na carta. O destino da carta extrapola sua função de levar uma mensagem (GUERRA, 2007). Isso aparece no conto, pois é exatamente depois de cumprir seu destino que ela circula como objeto de mão em mão, como materialidade passível de ser largada, pegada, rasgada, alterada. Mandil (2003) nos lembra que é por não corresponder à descrição de que dispunham, por não se encaixar na cadeia prévia de sentido que a carta passa despercebida em sua dimensão de lixo, *litter*.

Daí se extrai sua dupla dimensão, qual seja, a de transmissão de uma mensagem, *a letter*, e também de um destino concernente à sua materialidade, *a litter*:

E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar ou não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará e não estará onde estiver, onde quer que vá (LACAN, 1957/1998a, p. 27).

Enquanto símbolo de uma ausência, o significante também seria marcado por essa duplicidade, determinando as funções da letra. A materialidade acima apontada por Lacan em *A instância da letra no inconsciente* (1957/1998b) é discutida sob a determinação do significante, mas recorrendo a outra argumentação. Aqui o aspecto privilegiado será o da *lettre* como elemento tipográfico.

Ao discutir que a estrutura do significante está em ele ser articulado, reduzir-se a elementos diferenciais mínimos e comporem-se segundo leis de uma ordem fechada, o interesse de Lacan recai sobre uma certa equivalência entre letra e estrutura fonemática. Enquanto “sistema sincrônico dos pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocábulos em uma dada língua” (LACAN, 1957/1998b, p. 504), os fonemas se aproximariam dos caracteres móveis das caixas baixas utilizadas na tipografia. É o que permite distinguir, no texto lacaniano, a ação do significante e a ação do significado (MANDIL, 2003, p. 30; MILLER, 1996, p. 97). A combinação desses caracteres móveis é diferente das possíveis significações a que, combinados, eles dão origem. Assim também é a combinação significativa que produz como efeito o significado. Onde Miller (1996, p. 97) propõe a *lettre* como “o significante despojado de qualquer valor de significação e localizado na materialidade que nos é presentificada pelo caráter de imprensa”.

No *Seminário: A identificação* (LACAN, 1961-1962), a letra é o elemento diferencial do significante, tendo uma estrutura diferente deste. Ela é a essência do significante, suporte material pelo qual este se distingue do signo. Aqui ela está implicada nos efeitos da metáfora e da metonímia, mas põe o sentido de lado. Assim, mesmo que a letra se escreva, não tem nada a ver com o que se lê. Esse escrito não pode ser lido como inconsciente. É precisamente o ilegível, o que não se dá a ler na letra, esse não-a-ler da letra que aponta para o gozo no fenômeno psicossomático.

Lacan retoma o termo “letra” na década de 70, revelando uma nova dimensão da linguagem que tenta, então, destacar a partir da experiência clínica. A letra seria litoral entre saber e gozo, posto que separa dois domínios que não têm absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca. Não se trata de fazer fronteira entre os dois, nos adverte ainda Lacan (1971/1986), pois a fronteira, ao separar dois territórios, simbolizaria que eles são da mesma natureza.

Nesse sentido, a letra não se confunde com o significante. “A escritura, a letra, estão no real, o significante, no simbólico” (LACAN, 1971/1986, p. 28). Além disso, não podemos atribuir uma primariedade da letra em relação ao significante. Ela simbolizaria efeitos de significantes, mas isso não exigiria que ela estivesse presente nesses mesmos efeitos, nos quais o significante não serve senão de instrumento. Seria mais importante o exame “disto que a

partir da linguagem chama do litoral ao literal" (LACAN, 1971/1986, p. 23), enquanto redução mínima do sujeito, enquanto sua escrita. A letra escreve, assim, a radicalidade da diferença de consistências entre saber, elucubração em torno da verdade, e gozo, desfrute do que essa verdade tem de inacessível.

Acerca do gozo que se encontra no FPS, Lacan a ele se refere dizendo: "[...] se evoquei uma metáfora como a do congelado é porque há efetivamente essa fixação [...] é porque o corpo se deixa levar a escrever algo da ordem do número" (LACAN, 1975/ 1988b, p. 139). O que é da ordem do número não faz série, mas atua como pura frequência, um sinal unívoco da cifra, contagem do gozo, que aponta para uma possível escrita do real. Esse gozo é denominado específico, pois é fixado, fora do simbólico. O que se espera, na direção da cura, sobretudo após a introdução da noção de escritura, é um tratamento do gozo pela via do real. Nesse caso, o trabalho com o sentido diz respeito, não a um sentido imaginário, desdobrável, nem a um sentido simbólico enquanto significação, efeito da cadeia significante, mas ao sentido que não se desloca, não desliza. Em outros termos, à sua relação com o real que aponta para um gozo específico, sustentado por um significante indutor, ao qual o sujeito está aprisionado. Orientar o real é a política da psicanálise.

3 A letra, o significante e o FPS

Assim, retomemos o que Lacan coloca a respeito dos fenômenos psicossomáticos inscrevendo-os na dimensão da escrita. Ao referir-se às lesões como traços escritos sobre o corpo (LACAN, 1975/1988b), ele diz que estes traços não têm valor de significante, não apontando, portanto, para o sujeito. Isso que faz traço no corpo é pré-significante, não sendo passível de uma cifração de sentido, como o sintoma. Entretanto, estas situações clínicas nos sugerem que a letra é escrita, permanecendo no estado de marca, de sinais ou marcas apagadas, resistindo, portanto, à interpretação e remetendo à escrita do real.

Trata-se então, de encontrar o que está fora do valor de significante, o que não pode ser cifrado enquanto tal. O ciframento exige que se estabeleçam os representantes daquilo que se pretende representar. Tais representantes podem ser numéricos, algébricos, ou ainda, palavras, sinais ou marcas. Implica também estabelecer as regras de operação entre esses representantes, para determinar se o que está em jogo é uma substituição ou a libra de carne não recoberta pelo significante. A libra de carne não é uma metáfora, ela se constitui como pedaço de corpo não significantizado, indicação do real e do gozo.

Seguindo Lacan, a direção do real e aquilo que o margeia é a letra, enquanto distinta do significante. Como vimos com Lacan na década de 1970, “a borda do furo no saber, que a psicanálise designa justamente como de abordagem da letra, não seria o que ela desenha?” (LACAN, 1971/1986, p. 23). A letra seria uma espécie de franja que avança entre as duas consistências de naturezas diversas, simbólico e real, desenhando ou escrevendo essa borda tão pouco precisa no ser falante. Lacan é cuidadoso ao avançar e diz que tudo isso não impede o que ele disse do inconsciente enquanto efeito de linguagem. A letra suporia sua estrutura como necessária e suficiente. A questão é, antes, como o inconsciente comandaria esta função de letra: “Só podemos estar seguros de estar no inconsciente quando o espaço de um lapso já não tem nenhum alcance de sentido ou de interpretação” (PACHECO, 2009, p. 94).

No *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante*, quando distinguiu letra e significante, Lacan (1971/2009) marcou a importância de avançar a psicanálise na questão da escritura (ou escrita psíquica), demonstrando que a escritura se apresenta como o desfraldar da letra. A noção de uma clínica do escrito, tal como discutida por Jean Allouch (2007), particularmente em casos onde a questão do estatuto de um saber seria sem sujeito, sem apelo de sentido a este Outro que a hipótese do inconsciente supõe, pode renovar a análise desses modos diversos de relação com o outro. A experiência clínica implica uma tentativa de produzir uma descrição dessa relação, que se apresenta de maneira variada e variável e que não cessa de ser aquilo com que um sujeito tem a ver e que responde no seu sintoma (na neurose), às vezes na sua existência (na psicose) ou na sua carne (nas doenças ditas “orgânicas”).

4 Do gozo da letra ao inconsciente: escrever a clínica

Podemos dizer que a escritura é um registro da linguagem que não se confunde com ela. Uma letra que não se lê, atrela o sujeito ao nível do gozo/da letra. O possível aqui seria uma extração da letra, a partir do trabalho com o real, no campo da linguagem. Como ensina Lacan, diante do gozo, do que não está na linguagem, devemos seguir os rastros da repetição, buscando uma pista que possibilite abrir novas trilhas.

Enquanto fora da cadeia significante, enquanto não reenvia à série significante e não produz significação, a letra se faz referente do sistema significante de uma maneira singular para cada ser vivente, escrevendo as vias de suas possibilidades de gozo. Na metáfora naturalista de Lacan, a chuva da linguagem faz escrita de gozo; o que permite ler os riachos está ligado a algo que vai além do efeito de chuva. O real, como dejetos, é aquilo que é expulso do campo do

simbólico, criando uma marca, um rastro, um sulco. Quando esse rasgo se faz na carne, singulariza uma maneira de gozo sob a forma de fenômeno psicossomático.

Podemos dizer que a lesão é letra separada do significante, tendo um vínculo privilegiado com o real. É pela via do real que a letra pode escrever algo. Esta é a consequência que extraímos da modificação que Lacan imprime à noção de letra quando a aproxima do real. Essa concepção encontra-se no *Seminário 20: Mais Ainda* (LACAN, 1972-73/1985b) e em *Lituraterra* (LACAN, 1971/2009). Aí Lacan diz que a letra faz limite entre o saber e o gozo. Esse limite é letra pulsional, anterior, portanto, ao inconsciente, mas ao mesmo tempo condição para o inconsciente. Essa concepção é diferente daquela do Seminário *A Identificação*, embora já apareça ali a letra como essência do significante reduzido ao seu nível mínimo, o traço unário. Isso força a saída do campo do significante, pois se trata do que se auto-interpreta, sem remeter a mais nada. Vai-se em direção ao real, colocando-se assim a questão do estatuto de um saber que seria sem sujeito, sem apelo de sentido ao Outro, sem semblante. O que não é do semblante é o escrito, o que não se lê.

Não se trata, portanto, de interpretação do fenômeno psicossomático, mas de uma transliteração, como esclarece Jean Allouch (2007), pois o que é visado não é o sentido, e sim a letra. Transliteração é um modo de ler com prevalência do textual. Se o funcionamento do inconsciente supõe como efeito a cifra, cabe à interpretação decifrar tal texto, decifrar aqui entendido como transliterar, o que é precisamente da ordem do não-sentido, uma vez que o resultado se dá a ler mantendo a equivocidade, efeito do real, como impossível de ser dito.

Podemos, assim, depreender uma duplicidade de leituras acerca do inconsciente. Ora, ele pode ser pensado como uma elucubração freudiana de saber, ora como real fora de sentido, apreendido pelo equívoco, pelo engano. "A base material do inconsciente como dados imediatos é o tropeço, o escorregão, o deslizamento de palavra à palavra. Aqui estamos no nível imediato a partir do qual se elucubra" (MILLER, 2003b, p. 23). Qualquer construção que se faça sobre esse tropeço, já seria uma tentativa de apreendê-lo, um semblante, já seria uma debilidade do mental. Debilidade que aponta para a dificuldade em se lidar com o corpo (o imaginário) e com o real. Nessa ótica, o inconsciente seria uma doença mental (LACAN, 1974-75). Ao mesmo tempo, seria o engano, o tropeço, aquilo que permitiria a produção no mental de sentidos diferentes, de novas configurações como forma de resposta ao mal-estar produzido por essa dificuldade. Interessante aqui ressaltar que a debilidade é do mental, do humano.

Esta seria uma novidade muito presente no final do ensino de Lacan que, como se vê, põe em questão o sentido e o saber. Daí ele

priorizar o saber-fazer (*savoir-faire*) mais que o saber. O inconsciente e o pensamento seriam tomados no nível dessa relação difícil entre o corpo e o simbólico, que Lacan nomeia de mental no último ensino. O inconsciente estaria no nível do mental, da debilidade que afeta esse mental enquanto necessidade de saber, elucubração advinda do fato de 'não se saber fazer com'. Ele aparece mais como esse 'não saber fazer com', diante do qual as saídas subjetivas são sempre únicas, irreduzíveis a um padrão, que como 'o saber que não se sabe' freudiano (FREUD, 1912/1976).

Na prática analítica se confirma que as simulações das palavras podem obstruir passos para a escritura, fazendo o sujeito cair no ilegível, apelando para o sentido e velando a letra. Uma operação escritural é sair da morada da palavra. Um saber em que as palavras perdem suas sílabas e se reduzem à letra. A escrita analítica confirma um ato de extração da letra, que sempre esteve inscrita lá, mas se não houver essa extração, perde-se sua legitimidade. O tratamento da letra sai do campo do ideal, indicando o real da experiência – que marca uma direção no tratamento. Não se trata de fazer uma tradução do ilegível que a letra escreve em legível, na experiência analítica. Mas sim confirmar algo de ilegível na estrutura do sujeito. Perguntamos: o que o real da escritura confere ao analista? A escritura indica elementos operativos do discurso analítico, sustentado pelo nó borromeu, em que não temos esperança de alcançar o real pela representação.

Assim, a clínica situa as relações entre a letra, o significante e o objeto em torno do Real. É no furo que jaz o Real. O sujeito só tem acesso a ele simbolicamente ou imaginariamente. Por isso, nenhum significante, nenhuma letra pode ali se alojar e nenhum objeto poderia mascarar-lhe a impossível apreensão. O Real é a falta na rede literal. É bem disso que se trata no fenômeno psicossomático. Essa falha é um indicativo de uma lógica de escrita. Uma leitura é possível nas entrelinhas da impossibilidade das letras e, se algo pode ser lido, é porque já está inscrito em um processo de escrita. A letra faz a inscrição da entrada do significante no real como corte, testemunhando o acesso à linguagem. A letra demarca um ponto limite entre significante e um além. Este além é topológico. Embora se confirme uma disjunção entre letra e significante, este se encontra apreendido em letra, revelando uma topologia que produz uma escrita em espaço contínuo, que se desprende da representação do inconsciente como sendo um dentro oposto a um fora.

Escrever a clínica é, pois, narrar, contar, o que implica um manejo possível do gozo segundo a lógica da quantificação, ou seja, contar como o gozo foi cifrado, calculado, possibilitando o acesso ao inconsciente, ou seja, passando o gozo ao inconsciente, esperando que uma escrita do gozo possa operar. Nesse sentido, o quadro

abaixo, extraído das lições de Jacques-Alain Miller (2006-2007) e apresentado em curso por Francisco Paes Barreto, pode nos ser útil:

INCONSCIENTE TRANSFERENCIAL	INCONSCIENTE REAL
S ₁ – S ₂	S ₁
Discurso do Outro	Discurso do Um
Leis da fala	Sem lei
História	<i>L'esp d'un laps</i>
Interpretação	Resto
Verdade	Elucubração de saber
Transferência	<i>Soi tout Seul</i>
Rememoração	Reminiscência
Temporal	Fora do tempo
Fala	<i>Aparole</i>
Outro	Corpo
Analista suposto saber	Analista intruso

Como vimos, e para concluir, o fenômeno psicossomático é marcado por uma radical diferença com o sintoma neurótico, que é uma formação do inconsciente, como uma cifração de sentido. Portanto, não se trata na clínica de lidar com o equívoco significante jogando com sua parte de *non sense* para reduzi-lo. Na direção da cura, ele impõe não somente um trabalho do significante ou da letra, mas também como a intervenção que recorta, destaca, faz cair o que Lacan chamou de “pedaços de real”. O trabalho analítico nos dá esperança de realizar esta extração de gozo, mesmo com seus limites, se a palavra significante puder operar. Na clínica, constatamos que a letra cai no inconsciente e ao longo da cura ela pode ser encontrada. Ela é cortada de sua significação e o que vai assinalar seu retorno é a sua manifestação a respeito do saber e do gozo. O que vai permitir aproximar o saber do inconsciente é o que se manifesta como efeito de gozo. A partir da função do escrito, destaca-se a sombra do que não se lê, e se abre ao gozo como uma extração da letra, diferente do significante, no campo da linguagem. É nisto que devemos apostar.

Referências

ALLOUCH, J. **A clínica do Escrito**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

- FREUD, S. [1912] A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. SALOMÃO, J., v. 12, p. 133-148. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Dunker, C. I. L. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.
- GUERRA, A. M. C. **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- GUIR, J. Fenômenos psicossomáticos e função paterna. In: WARTEL, R. (Coord.), **Psicossomática e psicanálise** (p. 47-56). Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LACAN, J. **Seminário**, Livro 9: A identificação. Inédito. (trabalho original publicado em 1961-1962).
- _____. [1974-1975] **Livre XXII**, RSI. Disponível em: <<http://gaogoa.free.fr/>>.
- _____. [1954-1955]. **O Seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a .
- _____. [1972-1973] **Seminário**, Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.
- _____. [1971] Lituraterra. In: **Che vuoi? Psicanálise e Cultura** (p. 17-32), n°. 1, Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, ano 1, inverno, 1986.
- _____. [1964] **O Seminário**, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a .
- _____. [1975] Conferência em Ginebra sobre El sintoma. In: **Intervenciones y Textos**. Buenos Aires: Manantial, 1988b. (p. 115-144).
- _____. [1959-1960] **Seminário**, Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988c.
- _____. [1955-1956] **Seminário**, Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. [1957] O seminário sobre "A carta roubada". In: **Escritos** (p. 13-66). Rio de Janeiro: Zahar, 1998a .
- _____. [1957] A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. (p. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.
- _____. [1966] Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In: **Outros Escritos**. (p. 219-223). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Seminário**, Livro 18: De um discurso que não seria do semblante, 2009.
- _____. [1971] Lituraterra. In: **Seminário**, Livro 18: De um discurso que não seria do semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MANDIL, R. **Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MILLER, J-A. (Org.). "Interpretação pelo avesso". In: **Correio** (p. 13-

- 18), nº. 14, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1996.
- _____. **La psicosis ordinaria**: la convención de Antibes. Buenos Aires: Paidós, 2003c.
- _____. (2006-2007). **Curso anual**. Paris. Inédito.
- NASIO, J-D. **Psicossomática**: as formações do objeto a. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- NICOLAU, R. A psicossomática e a escrita do real. In: **Mal-Estar e Subjetividade** (p. 959-990). v. 8, n. 4. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2008.
- PACHECO, L. V. Miséria banal, ao final de uma análise? In: **Opção Lacaniana-Revista Brasileira Internacional de Psicanálise** (p. 93-97). São Paulo, EBP, n. 55, nov. 2009.
- QUILICHINI, J. O significante, a letra e o objeto: articulações. In: **O significante, a letra e o objeto** (p. 7-14). MELMAN, Charles...[et. al]. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.
- RITVO, J. B. O conceito de letra na obra de Lacan. In: **Revista da Escola Letra Freudiana**: A prática da letra (p. 9-24). Rio de Janeiro, ano XVII, n. 26, 2000.

Endereço para correspondência

Roseane Freitas Nicolau

Rua dos Mundurucus, 1553, ap. 501, CEP 66035-360, Batista Campos, Belém - PA, Brasil

Endereço eletrônico: rf-nicolau@uol.com.br

Andréa Máris Campos Guerra

Al. da Serra, 1374, ap. 2301, bl. A., Zagora, Vila da Serra, CEP 34000-000, Nova Lima - MG, Brasil

Endereço eletrônico: aguerra@uai.com.br

Recebido em: 21/09/2010

Aceito para publicação em: 25/11/2010

Acompanhamento do processo editorial: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Notas

*Psicanalista, Doutora em Sociologia (UFC) com *Formation Doctorale* na *École des Hautes Études em Sciences Sociales* em Paris (França). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/Pa/Brasil.

**Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) com *Études Approfondés* em Rennes II (França). Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte/MG/Brasil.

¹Artigo produzido a partir da interlocução entre pesquisadoras do Grupo de Trabalho “Dispositivos clínicos em saúde mental” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

²Referimo-nos ao mecanismo da forclusão, mecanismo de defesa próprio da psicose, que em termos freudianos significa negação (da castração).

³A noção de gozo trabalhada por Lacan (1959/1988c) toma diversas configurações ao longo de sua obra. Mas, no geral, podemos dizer que Lacan chama de gozo um

prazer que comporta um sofrimento, implicando a moção que marca o que está *além* do princípio do prazer, consubstancial a um masoquismo primário. Partindo da ideia de um prazer que se tira do objeto sexual, Lacan refere-se ao gozo como a satisfação de uma pulsão, assinalando aí o desejo inconsciente. Esta noção foi elaborada a partir da ideia de Freud (1920/1987) de que existe um prazer na dor, que se manifesta em fenômenos repetitivos que podem ser remetidos à pulsão de morte.

⁴*Lettre* ganha na língua francesa um jogo homofônico permitindo ser interpretada seja como carta, seja como letra. E Lacan ainda lhe acrescenta a homofonia com *litter*, estendendo seu sentido a lixo, dejetos, resíduo.